

Objetivação do Projeto de Si a Partir de Narrativas de Pós-Graduandos(As) em Educação

Francione Charapa Alves

francione.alves@ufca.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-8405-8773>

Universidade Federal do Cariri- UFCA

Juazeiro do Norte, Brasil.

Lia Machado Fiuza Fialho

lia.fialho@uece.br

<https://orcid.org/0000-0003-0393-9892>

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Fortaleza, Brasil.

Recebido: 07/04/2023 **Aceito:** 30/05/2023

Resumo

O presente artigo é resultante de uma pesquisa (auto)biográfica que objetivou compreender como se materializa o projeto de si, a partir dos projetos particulares que emanam nas narrativas de mestrandos e doutorandos do PPGE-UECE, Ceará, Brasil. Trata-se de uma investigação qualitativa centrada na perspectiva de formação docente pela escrita de si, desenvolvida com quinze estudantes do referido programa de pós-graduação. Para tanto, utilizamos a metodologia criada por Delory-Momberger (2008), denominada Ateliê Biográfico de Projetos, que inscreve a história de vida na dinâmica prospectiva que relaciona o passado, o presente e o futuro do sujeito, no sentido de fazer com que o este compreenda a sua história de vida como um grande projeto de si. As escritas de si passam por um processo de socialização e de questionamento pelos colegas do grupo e pela compreensão do outro (heterobiografia). A partir das leituras das escritas autobiográficas, percebemos que a reflexão perpassada na temporalidade e concretizada na narrativa fez emergir novos projetos pessoais e profissionais; e que as incidências encontradas nas histórias de vida nos revelam as histórias de vida de muitos outros; e que as histórias individuais nos fazem compreender muitos aspectos sobre o indivíduo e a sociedade. A partir das suas experiências de vida muitos saberes subjetivos são adquiridos nas relações que os sujeitos estabelecem em diversos espaços e que estão esquecidos no processo de formação de professores, devendo, portanto, ser discutidos e considerados na constituição dos projetos profissionais.

Palavras-chave: Ateliê Biográfico de Projeto. Narrativas. Escrita de si.

Objetivação del proyecto de sí mismo a partir de las narrativas de postgraduandos en Educación

Resumen

Este artículo es el resultado de una investigación (auto)biográfica que tuvo como objetivo comprender cómo se materializa el proyecto del sí mismo, a partir de los proyectos particulares que emanan de las narrativas de estudiantes de maestría y doctorado del PPGE-UECE, Ceará,

Brasil. Se trata de una investigación cualitativa centrada en la perspectiva de la formación docente a través de la autoescritura, desarrollada con quince estudiantes del mencionado posgrado. Para ello, utilizamos la metodología creada por Delory-Momberger (2008), denominada “Ateliê Biográfico de Projetos”, que inscribe la historia de vida en la dinámica prospectiva que relaciona el pasado, presente y futuro del sujeto, en el sentido de hacer del sujeto entiende tu historia de vida como este gran proyecto de ti mismo. Los autoescritos pasan por un proceso de socialización y cuestionamiento por parte de los compañeros del grupo y la comprensión del otro (heterobiografía). A partir de las lecturas de los escritos autobiográficos, notamos que la reflexión permeada en la temporalidad y materializada en la narrativa dio lugar a nuevos proyectos personales y profesionales; y que las incidencias encontradas en las historias de vida nos revelan las historias de vida de muchos otros; y que las historias individuales nos hacen comprender muchos aspectos del hombre y de la sociedad. A partir de sus experiencias de vida, se adquieren muchos saberes subjetivos en las relaciones que los sujetos establecen en diferentes espacios y que son olvidados en el proceso de formación docente, por lo que deben ser discutidos y considerados en la constitución de proyectos profesionales.

Palabras claves: Estudio de Diseño Biográfico. Narrativas. Escritura propia.

Objectivation of the project of the self from narratives of graduate students in Education

Abstract

This article is the result of a (self)biographical research that aimed to understand how the project of the self materializes, based on the particular projects that emanate from the narratives of master's and doctoral students of the PPGE-UECE, Ceará, Brazil. This is a qualitative investigation centered on the perspective of teacher training through self-writing, developed with fifteen students from the aforementioned Postgraduate program. To do so, we used the methodology created by Delory-Momberger (2008) called Ateliê Biográfico de Projetos, which inscribes the life story in the prospective dynamics that relates the past, present and future of the subject, in the sense of making the subject understand your life story as this great project of yourself. The self-writings go through a process of socialization and questioning by the group's colleagues and the understanding of the other (heterobiography). From the readings of the autobiographical writings, we noticed that the reflection permeated in temporality and materialized in the narrative gave rise to new personal and professional projects; and that the incidences found in life histories reveal to us the writing of oneself reveals the life history of many others; and that individual stories make us understand many aspects of man and society. From their life experiences, many subjective knowledge is acquired in the relationships that subjects establish in different spaces and that are forgotten in the process of teacher training, and should, therefore, be discussed and considered in the constitution of professional projects.

Keywords: Biographical Design Studio. Narratives. Self writing.

1 Introdução

As pesquisas (auto)biográficas constituem uma das vertentes que nos permitem produzir outros conhecimentos sobre os(as) professores(as), de modo que possamos compreendê-los(as) como pessoas e como profissionais. E mais ainda, permite que sejam protagonistas e autores(as)

de seu processo formativo. Nas palavras de Dominicé (1990, p. 167), “o saber da formação, provém da própria reflexão daqueles que se formam”.

Diante disso, esse artigo é fruto de uma pesquisa (auto)biográfica centrada na perspectiva de formação docente com o uso da metodologia criada pela autora Christine Delory-Momberger (2008), denominada Ateliê Biográfico de Projetos, durante os meses de janeiro a julho de 2017, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará-PPGE/UECE, em Fortaleza, Ceará, sendo o objetivo geral da pesquisa compreender como se materializa o Projeto de si, a partir dos projetos particulares que emanam nas narrativas de mestrandos e doutorandos do PPGE-UECE.

Nesse texto, traremos o referencial teórico sobre a pesquisa (auto)biográfica, as suas vertentes principais e a abordagem que adotamos para embasar a nossa investigação. Depois, apresentaremos a metodologia escolhida para atingir o objetivo e, por fim, realizamos uma discussão com base nas autobiografias dos atelieristas, docentes em formação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará- PPGE/UECE.

2 A pesquisa (auto)biográfica

Antes de discutirmos sobre pesquisa (auto)biográfica e formação, queremos fazer aqui um esclarecimento quanto à diversidade de termos que a expressão (auto)biográfica nos conduz nas discussões em Educação.

Desde a antiguidade que o gênero biográfico deu forma a uma série de discursos narrativos consagrados para tornar presente a trajetória de vida de uma pessoa. Ela nunca teve fronteiras definidas entre literatos e historiadores. O fato é que o discurso biográfico sempre encantou e encanta “nosso gosto pelas escritas de vida, ancora-se num extenso leque de interesse pelo ‘outro’: suas experiências de vida, a curiosidade não isenta de voyeurismo, a exemplaridade” (AVELAR, 2012, p. 64). Embora sejam objeto de curiosidade e de investigação em vários campos, como na História, na Sociologia, na Literatura, na Educação, as biografias e autobiografias são utilizadas de forma distintas em cada uma dessas áreas.

De acordo com Del Priori (2009, p. 79), “a biografia histórica é recente”, pois até metade do século XX ela não era vista com bons olhos por parte de pesquisadores que valorizavam abordagens quantitativas de investigação. A autora ainda nos diz que a biografia passa a ganhar

espaço após debates entre sociólogos e historiadores em meados dos anos 1980, período em que as metodologias qualitativas romperam com as formas tradicionais de pesquisa. Ocorreu a “valorização do singular, dos relatos pessoais – os sujeitos ganham vida, suas memórias ganharam força” (DEMARTINI, 2010, p. 131). Assim, há a ressignificação da biografia, não mais vista sob a ótica positivista, nem muito menos como retorno à história heroica e literária dos grandes homens, conforme ocorrera com este gênero na Idade Antiga, ou na Medieval, com a vida dos santos. “A reabilitação da biografia histórica integrou as aquisições da história social e cultural, oferecendo aos diferentes atores históricos uma importância diferenciada, distinta e individual” (DEL PRIORI, 2009, p. 9).

Vale ressaltar que a biografia e a autobiografia na História são trabalhadas em outra perspectiva, diferente da Educação. Tem foco no aspecto histórico que o estudo de histórias individuais pode elucidar questões do coletivo. Entretanto, os escritos (auto)biográficos, mesmo que tenham foco na formação, não exclui a compreensão de que estão inseridos em um determinado contexto, embora tenham centralidade no indivíduo. De acordo com Delory-Momberger (2008), as narrativas de vida podem ser escritas de diversas formas como “[...] biografias, autobiografias, diários, correspondências, memórias, etc., constituem [...] material privilegiado para se ter acesso à forma como os homens de uma época, de uma cultura, de um grupo social, biografam sua vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 38).

No que se refere ao campo educacional, a denominação utilizada mais comumente é pesquisa (auto)biográfica, na perspectiva da formação, ou seja, o sujeito ao narrar a sua vida está contribuindo para a formação do outro, e, simultaneamente, a narrativa do outro proporciona a este sujeito uma autorreflexão. É nesta linha que trabalharemos neste artigo, e ainda pontuamos que há diferenças entre as visões teóricas de Josso, Momberger, por exemplo. Contudo, destacamos, inicialmente, a importância desta visão teórica geral da importância das narrativas, biografias ou autobiográficas, histórias de vida, para a formação. Em seguida, aprofundamos a temática fundamentados na concepção de Christine-Momberger com a sua metodologia dos Ateliês Biográficos de Projeto como exemplo teórico do uso da escrita de si como formabilidade.

De acordo com Passeggi, na educação há uma grande flutuação terminológica no que se refere às pesquisas desse gênero de escrita de si ou da vida do outro, denominadas “fontes (auto)biográficas, abordagem biográfica ou autobiográfica, método (auto)biográfico, narrativa

de vida, relato de vida, histórias de vida em formação, pesquisa narrativa, investigação biográfico-narrativa[...]” (PASSEGGI, 2010, p. 106). Isto se deu pelo crescimento de pesquisas que têm sido desenvolvidas nessa área a partir dos anos 1980 na Europa, que teve como base teórico-metodológica as ideias dos pioneiros do movimento socioeducativo das histórias de vida em formação: Gaston Pineau, Pierre Dominicé, Marie Christine Josso, Nóvoa. Tal campo de investigação se estendeu no Brasil, especificamente, a partir dos anos 2000.

Ao parafrasear Gusdorf (1991), a autora Conceição Passeggi (2010) afirma que na pesquisa (auto)biográfica cabem todas as grafias, quais sejam as biografias, autobiografias, gestos, fotografias, fotobiografias, videografias, cinebiografias, webgrafias, transcrições orais, ou seja, quando o sujeito toma a si como objeto de reflexão.

Na tentativa de resolver esse impasse, o que ainda não é consenso entre os pesquisadores, Passeggi (2010) nos diz que nas discussões dos Congressos Internacionais sobre Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA) “adotou-se a solução dos parênteses – (auto)biografia – para chamar a atenção sobre dois tipos de fontes nas pesquisas educacionais: as biográficas e as autobiográficas” (PASSEGGI, 2010, p. 108).

De acordo com Delory-Momberger (2006), há duas dimensões que fundamentam metodologicamente, epistemologicamente e teoricamente as tendências de formação pelas histórias de vida: a primeira é a narrativa que o sujeito faz de si quando produz a sua história e, a segunda é o projeto constitutivo da história de vida e do processo de formação.

As histórias de vida em formação como prática encontram apoio no processo de apropriação que o indivíduo faz da sua própria narrativa de vida. As histórias de vida não formam para saberes constituídos, conceitos predeterminados, nem para competência instrumental específica, mas formam para a formabilidade, concebida como “a capacidade de mudança qualitativa, pessoal e profissional, engendrada por uma relação reflexiva com sua história, considerada como processo de formação (DOMINICÉ, 1990 *apud* DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 99).

Delory-Momberger, quando se reporta a Dilthey (1833-1911) nos diz que este autor atribui um papel central à autobiografia. De acordo com Dilthey, o sujeito elabora uma inteligibilidade de sua própria vida quando escreve a sua autobiografia. Assim, com base autorreflexão e da auto-interpretação que o sujeito realiza sobre si mesmo por meio da sua

própria experiência de vida, ele se torna pesquisador e ao mesmo tempo objeto de estudo, o que se configura uma pesquisa-formação (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Souza (2006) nos diz que a escrita de si faz com que o sujeito se volte para dentro de si, em uma reflexão profunda, “potencializa no sujeito o contato com sua singularidade e o mergulho na interioridade do conhecimento de si” (SOUZA, 2006, p. 135), configurando-se como uma ação formadora, porque coloca o sujeito em uma posição de aprendente, mas não é qualquer tipo de aprendizagem, é aquela que se dá ao longo da sua vida e que muitas vezes ele nem se deu conta, e no momento em que a narra ele tem a oportunidade. Dessa forma,

[...] como atividade formadora, a narrativa de si e das experiências vividas ao longo da vida caracterizam-se como processo de formação e de conhecimento, porque se ancora nos recursos experienciais engendrados nas marcas acumuladas das experiências construídas e de mudanças identitárias vividas pelos sujeitos em processo de formação e desenvolvimento (SOUZA, 2006, p. 135).

As marcas que se acumulam e vão nos constituindo são também as mesmas que contribuem para o nosso processo de formação, é como um grande bordado, traçado fio a fio, mas que vai formando o desenho da nossa vida, interferindo e contribuindo de forma dialética na nossa forma de pensar, de ver o mundo, de agir.

3 Metodologia

A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e teve como aporte teórico metodológico os construtos de Delory-Momberger (2008), criadora do Ateliê Biográfico de Projeto, que consiste em um procedimento metodológico que trabalha com autobiografias de formação. O ateliê, em sua proposta original, deve ser realizado com no máximo doze pessoas, sendo quatro grupos de três pessoas, e ocorre em seis etapas, conforme já mencionamos.

Reiteramos que a nossa investigação não ocorreu exatamente igual, mas teve muita aproximação com a metodologia proposta pela Delory-Momberger (2008), pois seguimos todas as etapas propostas por ela, entretanto, o espaço entre um encontro e outro e a duração dos encontros não seguimos à risca, devido ao tempo dos mestrandos e doutorandos, e ao espaço cedido para a realização dos ateliês, devido às atividades cotidianas do PPGE/UECE.

Outra diferença foi a quantidade de pessoas. Ao formarmos os grupos para os ateliês, dois outros grupos nos procuraram para participar e logo aceitamos, pois consideramos que iria enriquecer a nossa pesquisa e não traria prejuízos.

A escolha dos atelieristas deveria atender aos critérios: ser matriculado no PPGE e exercer a docência, mesmo estando afastado para o Mestrado/doutorado. Também planejamos formar grupos contemplando o máximo de Linhas de Pesquisa do PPGE, para ter uma visão mais diversificada e ampla. Sobre a identificação dos atelieristas, solicitamos que eles criassem nomes fantasia para si, entretanto, como alguns não chegaram a criar, resolvemos na etapa da análise identificá-los da seguinte forma: A1.2, sendo o A referente ao Ateliê, o primeiro número referente ao número do ateliê, e o segundo, referente ao número da pessoa dentro do ateliê, visto que são formados por três pessoas. Nesse caso, o A1.2 é o segundo membro do Ateliê 1.

Tivemos pesquisadores participantes das seguintes linhas do Mestrado do PPGE/UECE: a) Formação, Didática e Trabalho Docente (04); b) Formação e Desenvolvimento Profissional em Educação (03); c) Marxismo e Formação do Educador (01). Das linhas do doutorado foram: a) Formação, Didática e Trabalho Docente (04); b) Formação e Desenvolvimento Profissional em Educação (02); c) Formação e Políticas Educacionais (01). Assim, os ateliês contaram com 15 (quinze) participantes no total.

Os ateliês ocorreram entre os meses de maio de 2017 a julho de 2017. Assim, realizamos cinco Ateliês, respeitando o número de três pessoas em cada um deles, conforme proposta original (DELORY-MOMBERGER, 2008). Para cada trio que compunha um determinado Ateliê Biográfico, tivemos três momentos que tiveram duração de aproximadamente duas horas e meia a três horas. Neles ocorreram todas as etapas propostas pela Delory-Momberger (2008).

Ressaltamos que uma das dificuldades desta metodologia é reunir as pessoas em uma mesma data, considerando que os mestrandos e doutorandos têm horários e linhas de pesquisa diferentes e um ritmo de trabalho muito acelerado. Daí a pesquisa pode demorar mais tempo, devido a esses fatores. A seguir, descreveremos passo a passo como ocorreram os encontros dos Ateliês Biográficos de Projeto. Vale lembrar que cada trio passou por todos os encontros realizados.

A organização da pesquisa ocorreu da seguinte forma: no primeiro encontro ocorreu a apresentação da proposta investigativa, seus fundamentos teóricos, objetivos e procedimentos metodológicos do Ateliê, por meio de slides, e informamos como ocorreria a pesquisa.

Nesse momento também realizamos o contrato biográfico oralmente, solicitamos permissão para registrar os encontros por meio de gravações das falas, filmagens e fotografias, bem como decidimos que cada atelierista criaria um codinome para si. Apresentamos, ainda, as regras de funcionamento: participação de todos os encontros, prestar atenção à narrativa do outro e participar quando necessário. Nessa etapa, foi explicitado que se tratava de uma fala social e conscientizada na relação com o outro, pois é uma orientação da própria Delory-Momberger (2008) que o pesquisador evite a ocorrência de deslizamentos de ordem terapêutica, apesar de desenvolver uma estreita relação de respeito e sigilo, consigo e com o outro no grupo (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Em seguida, realizamos uma série de dinâmicas no intuito de aproximar o pesquisador dos atelieristas e de proporcionar uma maior interação entre eles para que a pesquisa pudesse fluir, trouxemos imagens, músicas e textos reflexivos. Além disso, solicitamos que os atelieristas trouxessem para o primeiro encontro objetos que os identificassem, que falassem de si, poderia ser vestuário, fotos, objetos em geral para trazer as pessoas e fatos à memória. Essa dinâmica foi criada com o intuito de gerar uma aproximação e um autoconhecimento do grupo, à medida que também geraria confiança e entrega.

Vale lembrar que nesse tipo de investigação que tem o aspecto da formação por meio da escrita de si, faz-se necessária a realização de atividades que façam com que as pessoas se sintam à vontade para falar e escrever de si.

Nesse sentido, trouxemos slides com imagens que os fizessem refletir primeiramente sobre si, trazendo à memória aspectos positivos e negativos do seu Eu, de como ele(a) se vê, como se percebe. Ao apresentarmos os slides, solicitávamos que eles fossem registrando em um instrumental elaborado por nós, que ficaria de posse deles, o objetivo era facilitar a sua primeira escrita autobiográfica. Ao mesmo tempo, trouxemos imagens que os fizessem pensar sobre a questão da temporalidade, de como se viam nessa relação com o tempo, que projetos estiveram presentes e quais projetos se concretizaram ou não. Sobre essa relação com a temporalidade, é importante notar que

Os Ateliês biográficos de Projeto registram a “história de vida” em uma dinâmica prospectiva, unindo as três dimensões da temporalidade (passado, presente e futuro), e visam a dar as bases para o futuro do sujeito e fazer emergir o seu projeto pessoal (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 99).

Outra reflexão que trouxemos foi o poema “*Quem sou eu?*”, de autoria de Christian Gurtner, e a música de *Caçador de mim*, de Milton Nascimento. Centramos a reflexão inicial em aspectos fundamentais para trazer à memória pessoas e lugares formativos vivenciados pelos atelieristas, considerando a formação em seu aspecto amplo, não somente na instituição escolar, mas toda aprendizagem ao longo da vida que lhe foi significativa.

Após essa reflexão sobre si, começamos a pensar nessa relação Eu e as coisas, conversamos sobre os objetos que eles trouxeram. À medida que iam falando dos objetos que os identificavam, também mencionavam as pessoas que faziam parte do seu processo formativo ao longo da vida. O que já relacionava à terceira reflexão: Eu e os outros. Para esse momento, trouxemos a música “*Trem Bala*”, de autoria de Ana Vilela, e após eles escutarem, solicitamos que registrassem nomes de pessoas que foram importantes para sua formação. Em seguida, refletimos sobre os espaços, acontecimentos e lugares positivos ou negativos desse percurso em seus múltiplos aspectos (educação doméstica, escolar, para escolar, por experiência própria, que lhes vinham à memória nesse processo, e solicitamos que registrassem. Após esses registros, aconteceu o momento de lembrar das primeiras experiências de trabalho remunerado, rememorando figuras e encontros que exerceram influência nas decisões profissionais.

Após a escuta das músicas, leitura dos poemas e de posse dos registros iniciais, ocorreu a primeira escrita autobiográfica que, conforme sugestão da autora desta metodologia, não ultrapassa duas páginas. Este texto é uma primeira tentativa de retratar todo o percurso educativo, evocando pessoas, etapas e acontecimentos, experiências de formação, lugares, que foram importantes para o sujeito. Quando todos concluíram o seu rascunho, ao final do encontro, aconteceu o momento de socialização da primeira escrita que foi narrada oralmente, sem leitura literal que propunha eixos para os atelieristas retratarem o seu “percurso educativo, evocando as experiências no campo profissional e etapas de produção de conhecimento” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 101).

Vale ressaltar que esta socialização não consiste na leitura literal do rascunho escrito, mas é a narração feita pelo atelierista. Na medida em que um dos atelierista narra, os outros participantes intervinham na sua narrativa, suscitando esclarecimentos, questionamentos e ao mesmo tempo, traziam contribuições. Enquanto as outras pessoas intervinham na apresentação das narrativas, os participantes anotavam, para levarem as contribuições para a reelaboração do texto a ser apresentado no segundo encontro.

No segundo encontro os participantes já haviam feito a reelaboração do texto para assim procederem a segunda socialização. Com base nos questionamentos feitos pelos outros colegas no encontro anterior, os participantes fizeram as modificações e acréscimos que consideraram pertinentes e assim procederam à leitura do seu texto para todos e à medida que liam outra pessoa escolhida previamente ré escreveu a sua história de vida, a heterobiografia. Para que a escrita da heterobiografia ocorresse, tudo foi explicado e combinado no início desse encontro, para que cada um ficasse ciente de qual texto teria que reescrever.

No final do encontro, fizemos a leitura do texto que cada atelierista escreveu sobre a narrativa do outro. Trata-se da percepção que o outro tem da escrita autobiográfica de alguém. Ao ouvir a sua história sendo reescrita pelo outro, os participantes fizeram suas reflexões e anotações que fizeram parte da última escrita de sua narrativa.

Entre o segundo e o terceiro encontro é necessário um intervalo maior para que os atelieristas reescrevam a última versão da sua autobiografia, considerando o que o outro escreveu. Sugerimos alguns elementos a serem considerados na escrita final. Neste roteiro sugestivo, solicitamos que fossem criados títulos para os seus textos, também poderiam incluir poesias, músicas, fotos, etc. Entretanto, esta escrita era livre e cada um poderia organizar da forma como se sentisse mais confortável, pois quando se começa a escrever uma autobiografia, cada pessoa parte de um ponto, seja do presente, seja do passado e assim vai dando uma direção à sua narrativa.

Dois pontos que não poderia faltar na narrativa seria o olhar do outro e o outro seria o que a experiência do Ateliê Biográfico de Projeto significou para cada um deles, em que aspecto foi formativo. Por fim, ocorreu um momento de apresentação das histórias e de reflexão das incidências em relação à vida do outro.

A seguir, traremos recortes de atividades realizadas na pesquisa, utilizadas para a coleta de dados que têm como produto final a narrativa biográfica de cada um dos atelieristas. Dessas atividades, surgiram elementos empíricos que a priori não traríamos para a pesquisa final, entretanto, considerando a riqueza dessas informações, resolvemos que seria interessante trazer essas reflexões. Vale lembrar que, para a análise da pesquisa, realizamos reflexões dialógicas com vários autores que trabalham com essa perspectiva da narrativa, da escrita de si como elemento formador. Traremos agora as reflexões tecidas a partir de uma das atividades realizadas no primeiro encontro de cada um dos ateliês.

4 Significados e aprendizagens: o que significou participar do ateliê biográfico de projeto?

Um dos aspectos que solicitamos aos atelieristas para mencionarem em sua escrita final foi o registro das aprendizagens e reflexões que o Ateliê Biográfico de Projeto lhes proporcionou que lhes foram mais significativas.

Esses excertos de narrativas são essenciais para compreendermos de que modo as operações de inteligibilidade e de transformação da linguagem se fazem presentes nas narrativas dos sujeitos que as elaboraram, pois não se trata

[...] de uma simples recolha ou simples tradução de saberes que já estariam ali, ela tem um verdadeiro efeito de elaboração e de conhecimento. É, em particular pelo trabalho de formalização operado na escrita, que a experiência pode transformar em saberes transferíveis a outras situações e transmissíveis a outras pessoas, dupla condição de sua validação social [...] (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 93).

Com base nessa concepção, mesmo que os atelieristas já tivessem feito o registro na escrita (auto)biográfica final no último encontro, também os indagamos com o seguinte questionamento: o que significou participar do Ateliê biográfico de Projeto?

Nesse sentido, utilizamos para análise também algumas falas transcritas do último encontro, pois, algumas pessoas leram o que escreveram sobre essa pergunta, mas iam acrescentando algo mais na fala e consideramos que essas narrativas orais enriqueceriam as narrativas escritas. As respostas a este questionamento foram tantas quantas são as individualidades de cada um, mas elas trazem elementos que pertencem à coletividade. Destacamos alguns elementos que consideramos mais importantes nas suas falas e nos seus escritos, os quais discutiremos logo a seguir.

a) Reflexão sobre o docente como um sujeito que sente, que escuta o outro e que se coloca no lugar do outro

Para alguns atelieristas, o maior aprendizado adquirido foi em relação às questões que envolvem a subjetividade, a percepção do sujeito dotado de conhecimento, competências,

habilidades, mas também de um sujeito dotado de emoções e sentimentos. Percepção mais clara sobre o docente que reflete sobre a sua prática, a partir do que ele tem vivenciado no processo de formação contínua que o mestrado e o doutorado lhe proporcionam. Mas também de um docente que parou para refletir sobre coisas que aprendeu em um determinado momento da sua vida e que fora muito formativo. Nas palavras de Nias (1991 *apud* Nóvoa, 2007, p. 15), “o professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”. Vejamos essa afirmação na narrativa que segue,

Foi muito interessante, esse ateliê autobiográfico na minha vida, foi um momento singular mesmo! Porque eu encaro todos os momentos que eu vivo e fazer esse processo de reconstrução me fez ver isso... que eu valorizo cada oportunidade que chega às minhas mãos, eu não menosprezo nada [...]. E eu vejo que eu já fazia, sempre fiz isso [...].

Aí fazendo uma retomada da minha história, às vezes eu...me dá até uma angústia pensar nisso. Eu fico pensando que eu fui má com os meus alunos, eu tenho certeza que eu nunca disse palavras que...pelo meu próprio jeito de ser mesmo...porque eu sempre... porque eu sou uma pessoa sensível, mas eu fico pensando, [...] o que foi que eu deixei nos meus alunos? [...] Mas eu era muito rígida, e eu não quero ser assim... e o ateliê me fez aprofundar isso que eu já venho pensando, que é esse o olhar sobre mim, que não precisa ser tão rígido e o olhar sobre o outro também. Eu não posso esperar nada do outro, eu não posso querer que o outro seja quem eu quero que ele seja, eu posso assim, eu posso mudar em mim, mas no outro não (Atelierista 1.1).

Na concepção dessa professora, a rigidez mencionada por ela não era algo que favorecesse o seu fazer docente, ao contrário, ela queria moldar as pessoas ao seu modo e exigir delas coisas que ela queria mudar no outro, mas não olhava para si.

Essa percepção e sensibilidade que o olhar do outro tem de nós, também provoca em cada um a sensibilidade que repercute na nossa visão de mundo, na nossa compreensão de pesquisa que não é mais aquela que ignora o sujeito, pelo contrário é realizada com os sujeitos. Conforme podemos perceber na fala da Atelierista 3.2 sobre o encontro da ciência e da arte, provocada pela metodologia que foi recheada de poesia retratada nas próprias vidas que foram narradas.

E dizer para a pesquisadora que eu gosto muito dessa experiência de viver a ciência com poesia. Eu acho que o seu trabalho permite! Permite viver a ciência poeticamente e humanamente (Atelierista 3.2).

b) Eu e o Outro: o que a história do outro me ensinou e o que o outro percebeu de mim?

Interpretando Saramago (2008), Passeggi (2010) nos diz que as pessoas estão sempre elaborando autobiografias involuntárias, fazem o exercício de (re)constituição de si mesmos constantemente, mas esse movimento ocorre no diálogo com o outro que trava em todos os tempos e espaços que percorre.

Então assim, eu achei, dentre as muitas experiências, eu achei muito interessante o olhar do outro sobre mim. Esse olhar sobre mim... e a questão de um outro olhar, que é o meu olhar de hoje sobre toda essa minha trajetória... porque o meu olhar de hoje, tão diferente, né?! É um olhar... dizem por aí que não... nas discussões de hoje, né, sobre consciência, mas eu sou consciente de mim. O pessoal diz, vixi uma consciência, quando é que se alcança uma consciência? Então, eu acredito que hoje eu sou mais consciente de mim. E coloquei aqui uma frase que eu sempre gosto de dizer como ela é, tão presente, dá tão certinho... falar de mim é fácil, difícil é ser eu! (risos). É uma escrita muito reflexiva e como ela mexe com a gente! Mexe com as lembranças, das emoções, abre feridas, né! [...]. E assim, uma experiência muito maravilhosa, eu adorei, e digo sempre: procuro adjetivações, é difícil a gente adjetivar e dizer como essa experiência, foi importante (Atelierista 3.1).

No Ateliê Biográfico de Projeto, realizamos uma vivência que é da heterobiografia, que é a escrita do outro sobre nós. O exercício da heterobiografia foi considerado pelos atelieristas como um aspecto muito forte no processo formativo, de relacionar diferentes fases da formação no exercício de lembrar e de perceber-se inacabado no que diz respeito à formação.

Achei interessante, na condição de sujeito, conhecer um pouco sobre essa metodologia de pesquisa, que tem como dados a história de vida e que vem sendo utilizada para pesquisar a vida e formação de professores. O que me chamou mais atenção foi a emoção aflorando nos participantes e o fato de conseguir estabelecer conexões nas diferentes fases da minha formação, através desse exercício de lembrança (Atelierista 4.2).

A gente nunca vai estar formado, né, a gente sempre vai estar nessa construção... nesse projeto de nós mesmos. Nessa busca de se conhecer, de conhecer o outro, de entender melhor esse mundo que nos rodeia. Depois eu coloquei o olhar do outro sobre mim, e quando a gente lança um olhar sobre a gente, isso não é uma coisa fácil! Gera um desinstalar, e aí a gente tem que buscar o ponto de equilíbrio novamente. E eu comecei do final do ano passado pra cá, eu estou muito nesse movimento de procurar me equilibrar, nessa reforma de mim, por mim, tenho buscado todos os dias. As marcas dessa vivência me levaram a construir um sentido para minha vida e da minha natureza mesmo eu tenho muito esse movimento [...]. Mas viver isso no Ateliê autobiográfico me fez viver isso de forma consciente e aí me fez enxergar outras coisas que eu não tinha enxergado, e o que me fez enxergar isso, foi o olhar do outro (Atelierista 1.1).

Devemos perceber que a experiência que cada um de nós vive é singular, entretanto, muitas vezes, sentimo-nos dentro da experiência que o outro traz, é “uma representação bastante corrente, assimilar-se a compreensão que temos da narrativa do outro a uma atitude de empatia,

que postula nossa capacidade humana para partilhar os sentimentos, as emoções, os pensamentos de um outro ser humano” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 59).

Participar do Ateliê biográfico foi para mim uma enorme satisfação, pois além de conhecer uma nova metodologia, me propiciou deleitar-me ao recordar fatos de minha vida e que me fizeram perceber o quanto valeu a pena viver tudo o que me permitiu, as lutas os erros, as alegrias, tristezas, derrotas e vitórias. Ariscaria tudo novamente. Durante a escrita de minha amiga sobre minha pessoa percebi que a mesma retratou tal qual as palavras que utilizei em minha fala, apesar de que muitos fatores, principalmente os mais profundos não puderam ser contemplados, talvez, pelo tempo destinado a esta atividade. É muito bom perceber que alguém, agora passa a te conhecer de maneira mais profunda, penso que isto muda a visão do outro em relação a nós, penso que agora, ao me olhar ela enxergue coisas que não via e nem sabia sobre você. Uma nova lente que foi fabricada. Isto também ocorre de maneira recíproca, pois agora, eu também tenho essa nova lente. Posso enxergar outro de uma maneira mais profunda e pessoal, isto faz com que eu a respeite e passe a admirá-la ainda mais. Conhecer a história do outro me tornou alguém mais humanizado, e sensível às emoções, sentimentos e desejos daquela pessoa. Penso que os laços de carinho e amizade se ampliam a partir das vivências durante o ateliê. Tudo isto me fez aprender ainda mais a respeitar a individualidade do outro, pois, as pessoas são únicas e se constituem a partir das relações que a cercam durante o período de sua trajetória de vida (Atelierista 2.2).

Apesar de as histórias serem diferentes, há as incidências que são mais fortemente percebidas na heterobiografia, pois, na “narrativa do outro, eu me aproprio dos signos, isto é, torno próprio, faço meus signos que se ajustam e que ajusto à minha construção biográfica” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 61).

Nesse movimento de narrativas biográficas foi possível perceber histórias divergentes e convergentes que são resultados de sofrimentos, alegrias, lutas e conquistas que só passam as pessoas que conseguem vitórias em muitos aspectos de suas vidas, configurando-se na reapropriação de histórias que misturam presente e passado que vai aos poucos desenhando os modelos formativos, nesse caso, projetando a identidade e a constituição de professoras da educação infantil à docência universitária. Os sentimentos de razão, emoção, alegrias, lágrimas, sorrisos e religiosidade foram sendo revelados com o descortinar de um véu tecido com linhas finas de pessoas desconhecidas dos caminhos cartografados e mapeados pelo percurso de nossas vidas. Assim, as memórias de acontecimentos tão distantes, mas ao mesmo tempo tão presentes, descritos nas rodas de conversas no ambiente preparado com zelo e acolhimento, foi proporcionando aos poucos depoimentos relatados somente com a intenção da escuta biográfica científica na medida em as falas foram acolhidas e respeitadas sem qualquer intenção de críticas destrutivas. O ateliê biográfico de projeto teve um significado para a profissionalização porque nos alertou para o verdadeiro sentido da autobiografia que faz parte da constituição dos saberes, da formação e das práticas pedagógicas dos docentes universitários! (Atelierista 3.3).

Refazer a história da minha constituição como humano, como gente me proporcionou tomar consciência de quem sou por meio do meu próprio olhar sobre mim, do meu olhar sobre o outro e do outro sobre mim (Atelierista 1.1).

A empatia que passa a existir a partir da vivência do Ateliê Biográfico também deve ocorrer em relação ao pesquisador e os atelieristas, pois no momento de vivenciar as atividades, de narrar sobre si, o indivíduo precisa se sentir à vontade.

O convencimento da pesquisadora para a gente participar de um momento tão íntimo, né! Eu acho que a gente não se revela assim para todo mundo. Foram situações muito íntimas, da nossa vida e que não vale a pena socializar com ninguém. E nós três somos desconhecidas, né? Então assim, realmente a gente se volta ao passado, com lembranças e com alegrias, como se tiveram no momento, a gente recorda cada detalhe, cada imagem, né, cada foto [a gente reflete de novo e faz uma outra leitura] (Atelierista 3.3).

Esse exercício de refletir-me obrigou-me a tomar consciência de avanços, recuos, contradições, desejos, esperas e pausas na minha caminhada existencial... Isso nem sempre é fácil, mas é necessário se quisermos ser os protagonistas e não os figurantes da nossa história, por isso pude reafirmar que desejo pagar o preço para não ser expectadora da minha caminhada existencial. Para tanto, preciso apoderar-me cada vez mais dela, lutar por ela para conquistá-la cada dia mais com as minhas mãos, com os meus pés, com todo o meu ser... Aprendi que a nossa história está em interface com a história dos nossos semelhantes nos seus encontros e desencontros. Percebi que muitos dos meus dilemas não são só meus, mas são vividos por muitos outros e que posso aprender com essas outras novas formas de enfrentá-los, olhá-los, vencê-los. Aprendi olhando para a história do meu semelhante que posso aprender com ela apesar de não ser minha, porque humano como eu, ressignifico quem sou interpretando a leitura do meu próximo sobre si. Aprendi que a nossa história só pode ser escrita se for compartilhada com o outro, tendo a abertura necessária para viver o encontro com o outro que também é quem sou no que compartilhamos como humanos. Aprendi que esse modelo de sociedade capitalista tem tentado incutir em nós que o nosso tempo tem que ser gastado na conquista de coisas que satisfaçam o nosso EU, o outro é o meu adversário, pois para conquistar um lugar preciso usurpar o dele; preciso ofuscar a luz do outro para que a minha brilhe mais.... Entretanto, aprendi e reafirmei que o que importa mesmo é o cultivo do que alimenta a nossa alma e isso não pode ser comprado (Atelierista 1.1).

Devemos alertar que a compreensão que temos da narrativa do outro não coincide e nem deve pretender coincidir com a construção da narrativa que é ao mesmo tempo produto e lugar de produção. Assim, somente quem a produz é que tem e teve relação imediata com o que narrou (DELORY-MOMBERGER, 2008). Mas é nessa relação de alteridade que podemos construir e (re)construir nossa história de vida.

A partir da história do outro, fui tentando identificar similaridades e diferenças entre percursos. Refletir o quanto somos resultado de nossas existências no mundo e da vivência em coletividade (Atelierista 3.2).

A minha síntese tem três momentos: o olhar do outro sobre mim, o meu olhar sobre o outro, e o meu olhar sobre mim. Eu comecei com o olhar do outro sobre mim. Porque no ateliê a gente pode tomar consciência de que a nossa história está na interface com a história dos outros, né? Quando ... A1.2 contou sobre a sua história eu vi que o que tinha de comum com a minha história era a vivência dos dilemas. E que eu colocava a palavra equilíbrio, mas que eram os dilemas, eu coloquei um trecho que A1.2 escreveu sobre mim...[...] Meu dilema sempre foi... é ... eu queria estudar, né, viver o tempo

da adolescência, da juventude, mas eu tinha que trabalhar, também, ter obrigações, já morava sozinha muito cedo, e eu ficava olhando para os meus colegas, que eram muito mais... que eram da mesma idade que eu, mas que tinham um movimento diferente da minha vida, e eu ficava naquele dilema, nem queria ser tão séria, mas ao mesmo tempo eu não podia ser tão leve, né.. E quando A1.3 coloca que a docência foi uma escolha em sua vida, na minha não foi uma escolha, porque eu tinha que trabalhar e. A única opção que eu tinha de curso a noite era o magistério, Mas essa trajetória profissional que não foi escolhida por mim, de forma consciente, não foi uma escolha, mas a única opção que eu tive, se tornou, eu me apoderei... não existem duas histórias, é a nossa história e faz parte de tudo o que a gente é...do que a gente tá construindo, do que a gente está buscando ser [...] (Atelierista 1.1).

Esse excerto de narrativa abaixo nos faz perceber o que Dominicé (1990) nos diz sobre biografia epistêmica, que trata da relação do indivíduo com o saber e com as formas de constituição desse saber. É fato que, mesmo considerando que a relação biográfica com a formação e o saber seja individual, devemos igualmente considerar que isto não é dissociável das representações e das estruturas sociais inscritas no indivíduo e construídas por ele.

Outro exemplo é do(a) atelierista que percebe quão significativa foi a presença da sua avó para o seu processo de investigação na vida acadêmica, na escolha do tema e do referencial teórico.

O que eu aprendi com a escrita do outro, foi quando ... falou sobre a minha vó e eu vi quando eu trouxe a minha monografia que a velhice estava lá, né, tinha tudo a ver com essa visão que eu trouxe do ateliê que era da minha vó, com tudo o que ela passou para minha formação a questão da brincadeira... Levar essa leveza, não sem disciplina, porque ela, ave Maria, era muito rígida, mas ao mesmo tempo era leve. [...] Ela tinha aquela leveza de gostar de ver que você gostasse daquilo que está aprendendo... eu percebi que eu levo, né, a gente leva, mas não pensa no reflexo sobre, se onde é que vem [...] (Atelierista 1.3).

A partir da autobiografia desse(a) atelierista 1.3, trazemos a importância da figura da avó para o(a) atelierista 1.1 que fala do quanto gostaria de ter conhecido essa avó, e que já faz um exercício de reflexão sobre a sua prática docente com base no que ouviu sobre ela.

O ateliê aqui me fez ver isso, né? Do quanto todos esses momentos foram importantes, foram me constituindo, mas eu preciso encontrar essa... porque eu sou muito disciplinada, sou muito rígida, apesar de já ter sido mais, hoje eu sou menos, mas encontrar essa leveza... [eu até anotei isso aqui, que a sua avó [dirige a fala a outra atelierista] ... eu amo a sua avó, mesmo sem tê-la conhecido, que a sua avó conseguia fazer isso, né, ser disciplinada, ou disciplinar e ser rígida mas que ao mesmo tempo (Atelierista 1.1).

A criação de vínculos e a sensibilidade foi um elemento forte mencionado, principalmente por parte daqueles que não se conheciam, e se tornaram cúmplices das histórias

de vida uns dos outros, fato quase inexistente nos dias de hoje, devido ao ritmo de vida em que vivemos que nos impede de enxergar o outro.

[...] confesso que quando fui convidada para participar dessa experiência, fiquei extremamente curiosa para entender o que aconteceria ao longo dos três encontros porque o nome da proposta despertou em mim desde o início o desejo de vivê-la. Ouvir as histórias do outro foi o momento mais significativo, me fez pensar o quanto vivemos diariamente um ritmo frenético e nos impede de enxergar os colegas, criar vínculos, ser colo que acolhe, fui tocada pelas histórias dos colegas, me emocionei e muito, me aproximei, descobri pessoas. Retraçar o percurso formativo foi muito prazeroso. Nesse exercício, fui analisando os episódios que marcaram a minha vida e quais aprendizados me proporcionaram. Além disso, favoreceu sinalizar o meu projeto de continuidade (Atelierista 3.2).

O ateliê biográfico de projeto oportunizou reconhecer o “eu -outro”, a unidade na história, na delicadeza e sensibilidade cada vez mais raras em tempos de relações tão fluidas, e também no combate à aridez do solo das desigualdades. As memórias são iluminadas, se tornam conscientes. Podemos sentir os perfumes das flores de esperança e os espinhos de resistência que compartilhamos no desafio de viver e de vivenciar o exercício da docência (Atelierista 2.1).

As falas dos(as) atelieristas 3.2 e 2.1 suscitam uma reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea e das relações que aí se travam, sobre a própria educação, sobre a ciência, sobre a resistência que podemos provocar no exercício da docência e ainda, nos faz refletir sobre a contribuição das ciências humanas.

Isto vai ao encontro do pensamento de Morin (2006), quando nos diz que seria necessário concebermos uma ciência antropossocial religada, que compreende “a humanidade em sua unidade antropológica e em suas diversidades individuais e culturais” (p. 41). Assim, o ensino tanto das ciências humanas quanto das ciências naturais deve ser orientado para a condição humana.

Relacionando essa visão de ciência de Morin (2006) com o que os atelieristas trazem em suas narrativas, trazemos à tona a discussão de que a ciência pode perder a direção se desconsidera o ser humano, a sua subjetividade, a complexidade da sua natureza, em sua relação com a objetividade e suas determinações ou influências.

Da mesma forma, as narrativas apontam que o ensino pode “embrutecer” quando se esquece que o ato de ensinar e de aprender envolve sujeitos, e nenhum deve passar por cima do outro, seguindo a lógica capitalista da concorrência e da produção.

Eu estava pensando sobre isso... eu fico me vigiando, eu não quero me sentir, eu não sou superior a ninguém por causa de um mestrado/doutorado! (Atelierista 3.3)

A academia é uma selva de pedras, é muita arrogância, muita vaidade acadêmica! (Atelierista 3.1)

Então, eu costumo dizer para as minhas colegas lá, que temos um grupo.... Eu costumo dizer, gente, a experiência de mestrado/doutorado, e vou dizer até quanto... se não servir para me fazer melhor, pra me fazer mais gente na relação com o outro, pra entender... eu não quero! Se for para me embrutecer, pra eu passar por cima, para eu me colocar por cima das pessoas, eu não quero[...] porque alguns professores depois que fazem um doutorado adquirem uma doença grave que é a doutorite! (Atelierista 3.2).

As narrativas também evidenciam a crítica aqui às exigências que são feitas aos alunos de mestrado e doutorado, principalmente pelas agências de fomento à pesquisa. Às vezes, as condições de produção obedecem um ritmo que chega a ser desumano, tanto para os alunos quanto para os professores, considerando todas as outras atividades que devem ser desenvolvidas no exercício da docência.

A Universidade deve ser um lugar por excelência de produção de conhecimento, este fato é inegável. Reconhecemos também que esta responsabilidade recai, de modo particular, sobre os Programas de Pós-Graduação, lugar de formação de pesquisadores, e, portanto, de produção e divulgação da ciência validada pelos pares. “A insatisfação parece residir na forma como ela é conduzida, que levaria a uma escalada da produção, processo que comumente é denominado de “produtivismo” (YAMAMOTO *et al.*, 2013, p. 31).

Ainda, considerando o espaço da universidade, o(a) atelierista 1.1 menciona que a metodologia do Ateliê Biográfico proporcionou uma reflexão sobre a sua etapa final do processo formativo (mestrado), principalmente no tocante ao tratamento com os sujeitos envolvidos na sua investigação.

Nesse momento, da etapa final do processo formativo que estou vivendo agora (o Mestrado) as experiências no Ateliê Biográfico me fizeram ficar mais ainda alerta em relação ao meu olhar sobre mim mesma e também sobre os sujeitos participantes da minha pesquisa, pois são pessoas em processo de formação, assim como eu, com uma trajetória histórica que precisa ser considerada, respeitada e interpretada sem julgamentos e sim com a intenção de construir uma interpretação da realidade que nos faça compreendê-la de forma mais ampla e que seja capaz de gerar rupturas, mudanças e transformações. Para o futuro, só tenho a certeza de uma coisa: quero cada dia mais ser autora de mim mesma diminuindo sempre as contradições entre o que professor e sou para cada vez mais me sentir melhor sendo quem sou (Atelierista 1.1).

Corroborando com esse pensamento, o(a) atelierista 4.1 fala sobre de ter encontrado nessa metodologia uma nova forma de ver as pessoas com as quais convivia na academia, mas não as tinha visto com o valor que vê agora.

Essa foi uma experiência enriquecedora pois permitiu conhecer uma nova técnica de coleta de dados, um novo caminho metodológico. E especialmente, conhecer um pouco mais acerca de pessoas tão valorosas que já me acrescentavam mesmo antes desse novo modo de vê-las. Foi possível voltar a mim, coisa que não gosto muito de fazer conscientemente. Minha história de vida bate a todo instante de maneira inconsciente. Sigo a filosofia de que o passado deve ser considerado para fortalecer e não para morar, pois paralisa. Assim, procuro elaborar o presente em função do passado e do futuro (Atelierista 4.1).

Outro elemento importante que podemos fazer a partir do que o(a) atelierista colocou é que o ateliê foi formativo para a escuta do outro, inclusive no processo de pesquisa.

[...] com certeza eu vou com um olhar mais cuidadoso, esse exercício de ouvir a sua história, né? De quem você é. O exercício também de ver que o outro olhou para a minha história, e soube interpretar a minha história porque estava disposto a ter esse olhar, esse olhar interpretativo e mesmo da escuta, né? Porque às vezes a gente ouve, mas não escuta. Aí eu percebi que eu preciso ter esse cuidado também quando eu tiver lá na pesquisa. Se eu já estava com essa intenção, porque eu fiquei com a frase da Professora [...], que a pesquisa não é sobre os sujeitos, mas com os sujeitos, eu participo também, isso foi ainda mais potencializado no ateliê (Atelierista 1.1).

O quanto se deve perceber aquele que faz parte da sua pesquisa como um outro dotado de sentimentos, pensamentos, conhecimentos, e que deve ser considerado. Essa percepção é emergente nas investigações qualitativas, de modo particular aquelas realizadas na área educacional. Não podemos reduzir, por exemplo, os professores a competências técnicas e profissionais. Nesse sentido, não devemos dissociar o pessoal do profissional.

Por meio da relação de temporalidade, presente, passado e futuro que o Ateliê provoca, os atelieristas são movidos a fazerem esse movimento de retorno, para no presente se projetarem. Vejamos alguns projetos de si, traçados nesse exercício:

Eu já tinha uma leitura não assim com o ateliê, né, mas eu já tinha uma leitura [...] da Simone Bouvoir, fazendo a leitura dela, né, a questão de Projeto. Eu sempre tive isso na minha vida: de valorizar o passado, viver no presente, e pegando tudo isso mas projetando para o futuro. A gente sem projeto na vida, é uma vida morta, você está aqui vivendo, esperando a morte chegar (Atelierista 1.3).

Sigo a filosofia de que o passado deve ser considerado para fortalecer e não para morar, pois paralisa. Assim, procuro elaborar o presente em função do passado e do futuro (Atelierista 4.1).

Um dos pontos relevantes no aspecto da convivência humana que a metodologia proporcionou foi a capacidade de escutar o outro, capacidade esta que vem se perdendo com o tempo, devido a velocidade e a fluidez das relações que travamos com os outros na contemporaneidade.

Quando eu estava escrevendo... e eu até falei isso no nosso primeiro encontro, o quanto que tem sido bom em exercitar a escuta, a escuta do outro e a escuta de mim! Porque eu não estou escutando só a histórias delas, mas a minha própria história, e a história delas fala pra mim, fala de mim, fala em mim, então, foi um exercício muito bacana! (Atelierista 3.2).

Assim, a atelierista 3.2 ainda chama a atenção para a importância desse tipo de metodologia, uma vez que vivemos em um ritmo muito frenético na vida diária. É um parar para escutar, a si e ao outro.

Esse teu estudo é importante, porque nós às vezes nós estamos tão perdidos dentro na nossa vida diária, da nossa vida acadêmica, da nossa vida profissional, às vezes você para. É tão maluca, tão frenética, que vamos sendo engolidos, e sofrendo, e não temos com quem compartilhar, Embora ele não tenha um terapêutico! (Atelierista 3.2).

Mas essa capacidade de escuta tem início na escuta de si que nos faz sentir mais donos da nossa vida, mais conscientes das nossas vivências e experiências que foram significativas, para, assim, ressignificá-las.

Eu senti isso, assim meio como você tá arrumando a casa! Sabe? Parece que você vai colocando as coisas e num lugar que hoje elas podem estar, que antes a gente... Aí vai misturando as coisas, mas agora elas podem estar nesse lugar... esse lugar de importância na minha vida e a gente vai arrumando um pouco a nossa casa [...] (Atelierista 3.2).

A narrativa nos faz dar uma ordem aos fatos, ela não segue a cronologia dos fatos, mas tem a sua própria lógica, aquela que nós mesmos damos e um sentido próprio.

Desta forma, experiência o ateliê biográfico me provocou aflorar sentimentos de amor, amizade, carinho e gratidão. E me fez refletir sobre o que eu fui, quem sou e para onde pretendo ir. Penso que os nossos sonhos pessoais são sim muito importantes para nós, porém a humanidade não substitui a nossa ganância por ter mais, e de muitas vezes, nos tornarmos opressores. Aprendi ainda mais que o essencial verdadeiramente é invisível aos olhos, como diz na frase do autor do pequeno príncipe. E que a busca do ser mais esteja em constante relação com o processo de humanização das pessoas (Paulo Freire) [...] finalizo aqui, dizendo que isto é só o começo de uma vida, pois quero viver bem e com saúde até a realização de muitos outros sonhos que certamente serão adicionados em meus relatos autobiográficos. Quanta satisfação em contar tantos caminhos que percorri, dos sonhos que realizei dos que ainda realizarei. E o mais importante de tudo isso foi saber que de alguma forma contribuí para a formação de pessoas, exercendo assim, com compromisso o meu papel na social enquanto educadora, pois como já dizia o músico Geraldo Vandré: “Vem, vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer” (Atelierista 2.2).

A vivência do Ateliê Biográfico tem como finalidade pensar nos projetos de si, projetar-se para o futuro. Dentre as narrativas que traremos, percebemos que a narrativa do(a) atelierista

2.1 aponta para o crescimento pessoal, o amadurecimento do que somos, mas também para o crescimento profissional, que envolve o que nos tornamos. Qualquer um de nós que parar para pensar sobre a nossa vida, pensaremos no que queremos fazer “antes que o tempo nos desfolhe”. Essa é uma reflexão pela busca do sentido do ser e daquilo que queremos fazer de nós.

O ateliê biográfico de projeto [...] Fez perceber o quanto crescemos e o quanto ainda precisamos amadurecer... As marcas desse crescimento testemunham o que somos, o que nos tornamos e apontam o horizonte do projeto de nós que desejamos desenvolver, revelam as sementes que ainda desejamos espalhar antes que o tempo nos desfolhe. E, ainda assim, quando já tivermos cumprido nosso tempo, em outros tempos viveremos, pelas sementes de saber, de afeto, e de luta que compartilhamos ao longo de nossas vidas! É o sentimento mesmo, né, chegar ao final do ateliê reconhecendo isso, ou confirmando muitas convicções da minha vida, mas trazendo à tona... muitas coisas passam, né? Coisas que eu nunca tinha parado para assim, propositadamente pensar (Atelierista 2.1).

O projeto de si do(a) atelierista 1.1 diz respeito ao desenvolvimento da autonomia, de querer a cada dia ser autor(a) de si e de que a cada dia quer diminuir as contradições entre o ser e o fazer docente.

Para o futuro, só tenho a certeza de uma coisa: quero cada dia mais ser autora de mim mesma diminuindo sempre as contradições entre o que professor e sou para cada vez mais me sentir melhor sendo quem sou (Atelierista 1.1).

Outra narrativa mostra que a profissão docente se confirma, a partir do ateliê, e que percebe essa mistura entre o pessoal e o profissional.

Desde o primeiro encontro, a gente de certa forma não tem como não se emocionar com a sua própria história e com a do outro, de ausências, de certa forma se mistura o pessoal com o profissional, porque nós somos únicos, e agora assim, em particular, isso é... quando eu me misturo, percebo assim que não fui só eu que sofri, eu acho que a gente se une, acaba se conhecendo melhor, a narrativa de vida é muito importante, e do lado profissional, eu vou dizer uma coisa... eu de uma certa forma me achei assim, meio... fiquei muito feliz assim eu, porque eu não tive muita experiência de trabalho, eu fui catequista, sempre quis ensinar, eu não tive outra experiência a não ser a docência, e se confirma mais a minha docência... [...] sempre quis ser formadora, ensinar. Eu me realizo e fico muito feliz em uma sala de aula. Gostei muito dessa experiência, pela mistura de vida, de profissão não que todos nós somos docentes...[...] Foram bons demais esses momentos, essas histórias de vida, essa mistura com o outro, nossas vidas, nossos pontos em comum, pontos divergentes, mas respeito e amizade acima de tudo! (Atelierista 2.3).

O projeto do(a) atelierista 5.1 diz sobre esperança de trilhar novos caminhos. Ficou evidente na pesquisa que todos eles pensam na conclusão do seu curso de mestrado ou doutorado, entretanto essa narrativa expressa esse projeto de forma mais clara.

Já o projeto do(a) atelierista 5.3 fala de seus ideais de colaborar para que o mundo seja mais justo e mais humano.

Olhar minha trajetória e os desafios que vivenciei também me suscita esperanças. Esperanças de trilhar novos caminhos e/ou novo jeito de trilhar os caminhos já conhecidos. Vislumbro a conclusão do doutorado, vislumbro também em poucos anos o fechamento do ciclo de professora na Educação Básica, já se passaram mais de três décadas e após isso outras experiências profissionais virão. Participar desse ateliê me permitiu aprender com a História dos meus colegas e rememorar a minha, sobretudo minha trajetória formativa, suscitou tantas lembranças, afetos, desafios e também muita gratidão (Atelierista 5.1). Inicialmente fiquei receosa, pois não tenho costume de falar abertamente sobre minha vida. Acredito que o fato de ter sido realizado com pessoas próximas (das quais tenho um contato mais próximo há alguns anos) me fez relaxar e aproveitar essa experiência. Foi muito significativo para mim, pois, voltei a ter acesso aos materiais que produzi na juventude e fui acessar algumas fotos já esquecidas. Além do que, terminei essa experiência com uma boa sensação de que me mantenho firme aos meus ideais e que continuo colaborando para um mundo mais humano e justo (Atelierista 5.3).

Assim, percebemos que os projetos de si trazem reflexões sobre si, o seu papel no mundo, na sociedade, na educação; procuram na verdade o sentido para as suas vidas pessoais e para as suas vidas profissionais, de que forma podem contribuir para uma sociedade mais humana.

6 Conclusões: caminhos que se cruzam

A pesquisa (auto)biográfica tem no seu cerne o interesse em compreender o modo como as pessoas dão forma às suas experiências, de como significam e ressignificam no espaço e no tempo. Conforme mencionamos anteriormente, muitos pesquisadores têm se interessado por esse tipo de pesquisa, utilizando-se de vertentes teórico-metodológicas diferentes. No caso desta investigação, trabalhamos na perspectiva da pesquisa psicossocial de Delory-Momberger, que se utiliza da metodologia do Ateliê Biográfico de Projeto para trabalhar com os escritos biográficos, entendidos não como o curso efetivo e linear da vida, mas como “representação construídas da existência” (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Essa metodologia só veio contribuir para a ampliação da nossa visão de mundo, de educação e de docência na direção de aprender a ver o outro e se colocar no lugar dele, para assim aprender a ser. Trata-se de um exercício de alteridade, de uma profunda reflexão sobre o sentido da nossa existência e de tudo o que fazemos. Muito embora, Delory-Momberger ressalte que não se trata de uma terapia, mas ousamos dizer que, o Ateliê não deixa de ser terapêutico. Ele tira-nos do estado de coisa, tão marcado pelo capitalismo, e nos faz retornar ao estado de gente, pessoa, sujeito.

Inúmeras foram as aprendizagens, as incidências entre as vidas narradas e as das investigadoras. Poderíamos enumerá-las todas, no entanto, mencionaremos aquelas que consideramos mais formativas. Primeiramente, o aspecto da valorização das subjetividades que se cruzam com a objetividade. A dialética provocada entre o individual e o coletivo nos mostram que “na narrativa do outro, me aposso dos biografemas” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 60), que são categorias que estão fortemente codificadas historicamente, culturalmente, e socialmente, mas que podem ser integradas à construção biográfica individual” (DELORY-MOMBERGER, 2008), ou seja, o social e o individual estão intimamente relacionados.

Nesse movimento percebemos que a vida, o ser e o processo de humanização são muito mais valorizados quando paramos para pensar sobre nossas vidas, quando escolhemos no repertório de fatos reais que vivemos aqueles que queremos narrar. Referimo-nos às escolhas, porque a memória é seletiva, ela seleciona as pessoas, os lugares, os fatos que devem constar nas narrativas, e a partir delas ressignificam para se projetarem no futuro.

Das lembranças que mais foram mencionadas, percebemos que a família tem um grande papel agregador na vida das pessoas. Assim como foi mencionado por um(a) dos(as) atelieristas, “*é uma âncora, um porto seguro*”. Seja ela constituída da forma como for, diferente do modelo clássico de família capitalista, sabemos que ela hoje tem diferentes configurações. Importa lembrar que nas narrativas as pessoas da família foram lembradas com um misto de sentimento, ora bons, ora ruins, mas sempre com caráter formativo, algo ficou, algo se aprendeu. De todo modo, os relatos revelaram que a família tem um lugar cativo no baú das memórias passadas e das vivências do presente.

Assim, muitas vezes na sociedade, quando sentimos segurança, vivenciamos muitos dos sentimentos e valores que dizem de sermos humanos. No Ateliê Biográfico, vivenciamos momentos de afeto, de carinho, de doação. Aprendemos que o que de mais precioso que se pode doar às pessoas nos dias de hoje é o nosso tempo. Como diria Lenine em sua música “*Enquanto o tempo acelera e pede pressa. Eu me recuso, faço hora, vou na valsa. A vida é tão rara!*”.

Os atelieristas nos ensinaram o que sabem sobre a vida, sem pretensão de nos formarem, acabaram por fazê-lo. Foi um aprendizado recheado de um misto de sentimentos: de professores experientes que se tornam inseguros e ansiosos ao relatarem experiências negativas vivenciadas no mestrado e no doutorado. O medo e a insegurança de uma mulher, equilibrados com a fortaleza de uma mãe; a religiosidade, a fé, a crença, de cada um que se encontra nas palavras,

nos gestos; a desesperança na mudança de um marido, recheada de esperança e fé de uma esposa que acredita no brotar de uma nova vida; aquela que outrora fora uma jovem inquieta de movimentos de luta, de resistência, também é a mesma doce mãe e mulher; o filho que teve o pai como espelho e modelo de profissional, hoje exerce a mesma profissão desejando ser cada vez melhor; a aquela que encontrava dificuldade em tudo, foi a mesma que conseguiu vencer essas mesmas adversidades, tornando-se mais forte; a aquele que tinha muitos dilemas por não saber se estudava ou trabalhava, hoje continua a se profissionalizar, procurando novos dilemas na embarcação da vida; a avó que fora ao mesmo tempo rígida, foi a mesma que ensinou a neta a meiguice e doçura que ela tem. Dos bordados, dos desenhos, dos poemas, dos contos, da dança, da música, do teatro, da arte que sai das entranhas, a poesia que encanta, está na própria vida narrada, expressa em cada letra, em cada movimento, em cada traço, em cada cor, na criatividade que aflora. O sonho de uma sociedade mais igualitária, na dialética de um mundo tão desigual, é semente que nasce no coração de uma professora que aprendeu na profissão a enfrentar a dura realidade, utilizando-se da educação como uma arma, não uma panaceia; do pai que deixa no seu silêncio a saudade do filho, para melhoria da formação, vislumbrando ser um profissional melhor. Do choro e do soluço engolido das duras e das saudades deixadas no passado, mas que ecoam por vezes quando resolvemos narrá-las.

Das muitas experiências e profissões exercidas, garçonne, vendedor, balconista, catequista, estagiários, bolsista, etc., muitos ensinamentos extraídos de que se fazem uso na profissão docente, configurando, assim, o desenvolvimento docente dos professores, que consiste também na procura da identidade profissional, que é ao mesmo tempo um processo individual e coletivo. A identidade docente forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do eu profissional, que evolui ao longo de suas carreiras (MARCELO, 2009).

O que fica para nós, além do conhecimento do que são esses sujeitos docentes, é o sentimento de que a ciência tem se esquecido do sujeito, a educação tem se esquecido das pessoas, o que é latente é a busca pela produção, o que nos faz questionar: onde está o sujeito? Qual o lugar das pessoas que sentem e se emocionam na educação? Qual o cuidado que se tem com o outro? Falar de sentimento é menos científico? O que é mais científico? Qual o lugar do afeto na formação das pessoas? E dos professores?

A pesquisa (auto)biográfica é ao mesmo tempo investigação e formação, científica e humana, pois a partir dela, aprendemos cientificamente a compreender melhor as aspirações, as buscas, os sentimentos, os conhecimentos que mobilizam a profissão docente. Acreditamos que metodologias que permitem a escrita de si são extremamente importantes para qualquer programa de formação de professores, pois, a reflexão sobre a identidade docente perpassa essas trajetórias, o que delas se traz para a sala de aula faz-se essencial para se encontrar um novo caminho na educação.

Referências

- AVELAR, A. S. Apresentação. **História Social**. Campinas, n.24, 2013.
- CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.23, n.1/2, p.185-195, jan./dez.1997.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. São Paulo: Paullus, 2008.
- DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos Epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, [S.l.], v.27, n.01, p. 333-346, abr. 2011.
- DELORY-MOMBERGER, C. Biografia, corpo, espaço. *In*: PASSEGGI, C. (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. São Paulo: Paullus, EDUFRRN, 2008.
- DEL PRIORI, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi** [S.l.], v.10, n.19, p. 7-16, jun./dez. 2009.
- DEMARTINI, Z. B. F. Pesquisa histórico-sociológica, memórias e educação: das autobiografias às histórias de vida. *In*: PASSEGGI, M. C.; SILVA, V. B. (Org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 131-154.
- DODEBEI, V. Objetos e memória. **Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v.9, n.16, ago. /Dez. 2016.
- GOMES, A. C.; SCHMIDT, B. B. (Orgs.). **Memórias e narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- MARCELO, C. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Sísifo- Revista de Ciências da Educação**, n. 8, jan. /abr. 2009.

- NERY, O. S.; SCHNEID, F. H.; FERREIRA, M. L. M.; MICHELON, F. F. Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção. **Ciências Sociais Unisinos**, [S.l.], v. 51, n. 1, p. 42-51.abr. 2015.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 11-30.
- SOUZA, E. C. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interface metodológicas e formativas. *In*: SOUZA, E. C., ABRAHÃO, M. H., Menna Barreto; JOSSO, M. C. (prefácio). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- SOUZA, E. C. Acompanhar e formar- mediar e iniciar: pesquisa (auto) biográfica e formação de formadores. *In*: PASSEGGI, M. C.; SILVA, V. B. (Org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 157-179.
- PASSEGGI, M. C. Narrar é humano: Autobiografia é um processo civilizatório *In*: Passeggi, M. C.; Silva, V. B. (Org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.
- PASSEGGI, M. C. (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. São Paulo: Paulus, EDUFRRN, 2008.
- YAMAMOTO, Oswaldo Hajime et al. Produção científica e “produtivismo”: há alguma luz no final do túnel? **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 9, n. 18, 2013.
- ZAGO, L. R. F. Subjetividade: representação social da família. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, [S.l.], v. 4, n. 3, 2013. p.786-000.

Autoras

Francione Charapa Alves

Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri- UFCA. Pós-doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará- UECE. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC/CAPES-DS, linha Educação, Currículo e Ensino (2012-2016) com Doutorado Sanduíche na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa- UL, Portugal (2015-2016). Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará- UECE, linha de pesquisa Didática e Formação Docente/CAPES (2009-2011). Especialista no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri - URCA (1998). Graduada em Pedagogia pela Estácio de Sá-UNESA (2017). Licenciatura em Filosofia pela Faculdade de Ciências e Letras de Cajazeiras- FAFIC (2007); bacharelado em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri -URCA (1997) e licenciada no Ensino de Matemática para o Ensino Fundamental e Médio pela Universidade Estadual do Ceará- UECE.

francione.alves@ufca.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-8405-8773>

Lia Machado Fiuza Fialho

Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UECE (orientadora de pós-doutorado, doutorado, mestrado e iniciação científica) e do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas (MPPP/UECE). Bolsista Produtividade em Pesquisa (PQ 2). Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC); mestra em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza (Unifor); Especialista em Inclusão da Criança Especial no Sistema Regular de Ensino pela UFC; em Psicologia da Educação e em Psicopedagogia Institucional e Clínica, ambas as formações pela Faculdade Latino-Americana de Educação (Flated), Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora adjunta do Centro de Educação da UECE.
lia.fialho@uece.br.

<https://orcid.org/0000-0003-0393-9892>

Como citar o artigo:

ALVES, Francione Charapa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Objetivação do projeto de si a partir de narrativas de pós-graduandos(as) em Educação. **Revista Paradigma**, Vol. XLIV, Nro. 2, julho de 2023 / 433 - 459. DOI: 10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2023.p433-459.id1361